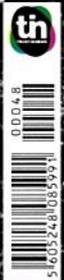


VISÃO História

50 ANOS DA QUEDA DA CADEIRA

ASCENSÃO E QUEDA DE SALAZAR



N.º 48 - AGOSTO 2018
CONTINENTE - €4,90
PERIODICIDADE BIMESTRAL

A farsa dos últimos anos • O médico comunista que acompanhou o ditador • Como se manteve no poder • A vida privada

ARTIGOS DE FILIPE RIBEIRO DE MENEZES, IRENE FLUNSER PIMENTEL,
LUÍS FARINHA, LUÍS SALGADO MATOS E ANICETO AFONSO

Nas bocas do mundo

O País estava ausente da imprensa internacional. E de repente vieram de toda a parte jornalistas estrangeiros, para relatar o que parecia ser o fim do ditador europeu há mais tempo no poder

por **João Pacheco**

D. Maria a sair do quarto de Salazar chorando de forma descontrolada. Filas à porta dos bancos, com os pequenos depositantes preocupados em levantar as poupanças antes que o ditador morra, porque depois sabe-se lá. Pessoas a juntarem-se à entrada de cafés, à espera do noticiário da rádio. A situação clínica do líder é «desesperada», garantem os médicos.

Conhecemos alguns destes pormenores através das palavras escritas em inglês pelo jornalista Hugh Mulligan, uma das estrelas da Associated Press (AP), que a agência desviara para Lisboa como enviado especial quando se soube da hospitalização de Salazar. Os detalhes foram publicados em jornais de todo o mundo, em particular norte-americanos que não tinham cá enviados próprios, e espalharam-se em muitas línguas, também via rádio e TV.

Grande parte destes pormenores mantinha-se ausente da imprensa, a funcionar sob o controlo da censura. Nunca se poderia, por exemplo, ler qualquer referência a filas à porta dos bancos. Mas os correspondentes estrangeiros e os enviados especiais tinham outra liberdade para contar o que se passava. E acabavam por ser eles as fontes de notícias mais fiáveis, até para os poucos portugueses que liam revistas e jornais noutras línguas ou que tinham acesso a rádios estrangeiros.

Duas histórias por dia

Pânico, desespero e descontrolo podiam conviver com Salazar no teclado de telex usado por Hugh Mulligan na delegação lisboeta da AP, na Praça da Alegria. O que pareciam ser os últimos dias do ditador mais duradouro da Europa eram por ele contados com brilhantismo e factos. Os dois textos diários que lhe cabia fazer ti-



Censura Os jornalistas estrangeiros podiam contar aquilo que os portugueses não estavam autorizados a publicar, como a história de D. Maria (na foto) ter saído do quarto de Salazar a chorar de forma descontrolada



nam de ser sucintos, mas mais apelativos do que as notícias secas de agência que iam sendo enviadas de Lisboa para todo o mundo, ao longo das 24 horas de cada dia. Escrevia e enviava duas histórias bem escritas, onde incluía notas de reportagem e o fundamental das notícias recentes sobre o doente mais famoso de Portugal. Uma era para os jornais da manhã, a *a.m. story*; outra para os da tarde, a *p.m. story*.

Em setembro de 1968, Hugh tinha 43 anos e era um dos melhores enviados especiais da Associated Press. Antes de ser jornalista, tinha combatido na II Guerra Mundial. E entretanto também já se habituara a trabalhar em cenários perigosos, e por isso ter-lhe-á parecido fácil contar as histórias de um ditador português que se encaminhava para a morte numa cama de hospital.

A confusão era muita em Lisboa. Portugal estava nas bocas do mundo e nem a PIDE conseguia manter os correspondentes estrangeiros e os enviados especiais debaixo da vigilância habitual. No *Diário de Notícias* de 19 de setembro era dado relevo à presença de muitos jornalistas estrangeiros: «Logo que o Presidente do Conselho adoeceu, afluíram à Casa de Saúde da Cruz Vermelha numerosos

Will hope for Salazar

From Our Special Correspondent

Sept. 18

Salazar maintains improvement

Lisbon, Sept. 17.—Dr. Salazar, Prime Minister, despite of the had earlier

DR SALAZAR

from Miss Ann Bridge

Sir.—No one who knows Portugal well

Salazar in fight for life

Lisbon, Tuesday morning.—Dr. Salazar, the 79-year-old Prime Minister of Portugal is fighting for in an iron lung

Imprensa estrangeira

As delegações diplomáticas portuguesas enviavam para Lisboa relatórios secretos com as notícias desfavoráveis ao regime

de vontade de ferro com que António de Oliveira Salazar governou um país e um império durante 36 anos foi considerada hoje como a responsável pelo seu desafio constante à própria morte.»

Rentável para as telefonistas

Além dos jornalistas que trabalhavam no edifício da Praça da Alegria, também havia os que passavam por lá de visita. «Os correspondentes estrangeiros eram uma comunidade. Conheciamo-nos todos, viamo-nos quase todos os dias e trocávamos informações», conta Joaquim Letria, que na altura tinha 25 anos e trabalhava para o *Diário de Lisboa* e para a AP.

Apesar da partilha, também havia competição. Entre as agências, era fundamental ser-se a primeira a dar a notícia. E como «ele podia morrer a qualquer momento», Letria dormia no carro, estacionado no jardim do hospital. «Era um Opel Rekord verde garrafa, do *Diário de Lisboa*, com radiotelefone. Foi uma novidade na imprensa portuguesa, tinha uma grande antena, dava-me muito gozo. Só a PIDE ou a PSP é que tinham daqueles carros.»

E nessa altura da hospitalização de Salazar, a AP pagava às telefonistas do hospital. «Pagávamos um x para nos avisarem logo, tenho a impressão de que todas as agências faziam o mesmo. Foi muito rentável para as telefonistas da Cruz Vermelha.»

Por essas semanas, quem ganhou muito dinheiro em horas extraordinárias foi o jornalista Carlos Alberto Pontes, que tinha 30 anos e começara na Reuters como estafeta aos 12. Passava muito tempo de plantão no hospital, à pesca de informações para o correspondente da agência,

jornalistas portugueses das agências noticiosas internacionais que têm delegações em Lisboa (United Press, France Press, Associated Press e Reuters) e os representantes de importantes diários estrangeiros. Todavia, desde o momento em que foi anunciado o agravamento do estado de saúde do prof. Oliveira Salazar, começaram a chegar de avião a Lisboa enviados especiais de numerosos países. Assim, encontram-se entre nós, designadamente, repórteres da televisão espanhola e da TV italiana, jornalistas suíços, canadianos, franceses, americanos, suecos, ingleses.» Os jornalistas estrangeiros que vieram de propósito espalharam-se pelos hotéis do centro da cidade. Entre os que já viviam em Lisboa, muitos trabalhavam no mesmo prédio, o nº 58 da Praça da Alegria, onde também morava o clube noturno Maxime. Ficavam nesse edifício as delegações do *New York Times* e das agências United Press International e Associated Press — onde o correspondente era nesse momento David Mazzarella, de 30 anos.

Além de contar com jornalistas portugueses como Joaquim Letria e Alberto Villaverde Cabral, David Mazzarella tinha agora a participação especial do enviado Hugh Mulligan. «Por acaso ele estava na

Europa e veio para Lisboa para me ajudar, era um dos melhores», conta hoje a partir de Washington.

Durante o internamento de Salazar, todos os dias antes do jantar Mazzarella fazia o mesmo telefonema para um dos médicos que acompanhavam o doente. Não podia nomear a fonte, mas recebia um ponto de situação personalizado. «Uma noite, lembro-me muito bem, o médico disse-me: 'O homem está a manter-se vivo apenas com a sua força de vontade'. Não tinha outra explicação para como ele estava a sobreviver. Toda a gente sabia que Salazar era um homem com uma força de vontade férrea.» De memória, Mazzarella cita o *lead* da notícia que escreveu nessa noite: «A férrea força

Já em 1946, Piero Saporiti fora obrigado a abandonar Portugal depois de assinar uma reportagem que foi capa da Time

o jornalista grego Alexandre Joannides. E confirma que as enfermeiras eram fontes importantes. «A gente levava um ramo de flores ou qualquer coisa e elas telefonavam a avisar quando havia alguma novidade.»

De esquerda e sensacionalistas

As fontes do Governo eram outras. Em Lisboa, o Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE) contava com relatórios secretos enviados de todo o mundo pelas delegações diplomáticas portuguesas – agora disponíveis para consulta no Arquivo Histórico-Diplomático, em Lisboa. Costumavam ser incluídos nos relatórios recortes de jornal, comentários sobre os artigos, por vezes alguns detalhes biográficos dos autores e, se necessário, traduções. Se fossem publicados artigos desfavoráveis à imagem do regime e aos interesses portugueses, as delegações diplomáticas e o MNE esforçavam-se pela publicação no mesmo jornal daquilo a que chamavam «correções» – fosse pela via dos artigos de opinião ou através de convites com viagens e estada pagas a jornalistas mais favoráveis que quisessem visitar Portugal ou as «províncias ultramarinas».

No México, foi por exemplo forjado com sucesso um artigo de opinião de um imigrante português, enviado depois para o jornal *El Sol de México*, como se lê numa comunicação entre a delegação diplomática e o MNE: «Senhor ministro dos Negócios Estrangeiros [Franco Nogueira], (...) tenho a honra de junto remeter a V. Ex^a, um recorte de *El Sol de México*, desta manhã [21 de outubro de 1968], um artigo que aqui preparámos e que foi assinado pelo português residente nesta cidade, senhor Emílio Pinhão, a fim de corrigir parte da corrente que ultimamente se move contra nós, a propósito da doença do presidente Salazar.»

No artigo de opinião assinado pelo imigrante, defende-se a ideia recorrente para o regime de que estaria em curso uma campanha esquerdista antiportuguesa: «Devido à doença de Salazar, foram a Lisboa muitos jornalistas de todo o mundo,



HUGH MULLIGAN
Estrela da Associated Press, foi enviado para Lisboa quando se soube do internamento de Salazar



DAVID MAZZARELLA
Todos os dias, antes do jantar, o jornalista da AP fazia o mesmo telefonema para um dos médicos de Salazar



RICHARD EDER
O correspondente do *The New York Times* em Lisboa fez um retrato do regime com referências à polícia política, a torturas e à censura



DENNIS REDMOND
Foi interrogado durante horas pela PIDE, que queria saber quais tinham sido as fontes dele para um artigo

com maiores ou menores conhecimentos de Portugal, quase todos da esquerda e sensacionalistas, esperando assistir à catástrofe que a esquerda internacional tem passado anos a prever para Portugal, a partir do momento em que Salazar deixasse o Governo.»

Das delegações diplomáticas esperava-se atenção, mesmo quando se tratasse de artigos de jornais norte-americanos, publicados dias depois noutros países em versão traduzida. Como aconteceu no caso de um artigo de Richard Eder, correspondente do *The New York Times* (NYT) em Lisboa, em que o regime é retratado com referências à polícia política, a torturas e à censura: «A imprensa portuguesa é censurada conscienciosamente e de maneira inflexível por uma repartição cheia de oficiais do exército reformados, sob a direção de José de Sousa Nazaré, um tenente sexagenário reformado», escrevia Eder.

A preocupação dos diplomatas portugueses chegava tarde, porque a informação sobre o artigo do NYT já tinha sido comunicada ao MNE no próprio dia da publicação, em telegrama enviado a 2 de outubro de 1968 da Embaixada de Portugal em Washington: «NYT hoje publica artigo de correspondente especial em Lisboa Richard Eder que malevolamente procura humilhar e diminuir nosso país e seu regime político.»

Mas em Portugal também havia alguns correspondentes estrangeiros vistos pelo MNE como amigos do regime, como por exemplo Bruce Loudon: «Informo tra-

tar-se excelente correspondente muito objetivo e dando garantias artigos serão favoráveis. Solicito urgente parecer V. Ex^a», lê-se no telegrama de 14 de julho de 1971 enviado do Ministério do Ultramar para o governador da Guiné, a propósito de um pedido de visita àquela «província ultramarina» em tempos de guerra.

Limpa os teus olhos

Entre os artigos traduzidos que eram enviados pelas embaixadas e consulados portugueses para o MNE, há desde reportagens publicadas em jornais americanos importantes a pequenas notícias de diários japoneses. Da Suécia foi enviada em inglês uma grande reportagem publicada a 12 de novembro na revista «para adultos» *Fib-Aktuellt*, onde a propósito da doença de Salazar («um avô sorridente mas também um ditador cruel») se fala nos presos políticos de Caxias, na tortura da estátua, nos bairros de lata e nos empresários suecos do setor têxtil que

«Durante o tempo todo que andei pela província e por Lisboa tive a PIDE nos calcanhares, de forma discreta mas à vista», escreveu um repórter sueco



MARVINE HOWE
A stringer do *The New York Times* conseguiu ser recebida por Salazar depois da queda



CARLOS ALBERTO PONTES
«Levávamos um ramo de flores às enfermeiras e elas telefonavam-nos quando havia novidades»



JOAQUIM LETRIA
Dormia dentro do carro, no jardim do Hospital. O automóvel tinha radiotelefone, uma novidade na altura

estavam cá a aproveitar a mão de obra barata. Quem escreveu a reportagem relata também a forma personalizada como a PIDE podia pressionar jornalistas estrangeiros: «Durante todo o tempo que andei por Lisboa e pela província, tive a PIDE nos calcanhares, de forma discreta mas à vista. O facto de estar a representar uma revista semanal – e de não poder publicar fosse o que fosse enquanto estivesse no país – deixava-os na dúvida. Na minha última estada escrevi qualquer coisa que não agradou ao regime. Mas na altura limitaram-se a enviar-me um pequeno envelope cheio de lenços de papel de boa qualidade, com a recomendação: 'Limpa os óculos com isto, para que da próxima vez possas ver Portugal melhor'. Salazar tinha humor. Desta vez, de certeza que serão menos divertidos.»

Maçã com bicho

O historial de pressões e perseguições da PIDE a jornalistas estrangeiros era antigo. Já em 1946, o italiano Piero Saporiti fora obrigado a abandonar o País com a mulher, depois de assinar uma reportagem muito desagradável para com o regime. A reportagem tinha merecido honras de capa da revista *Time* de 22 de julho, onde um Salazar de ar desconfiado fazia companhia a uma maçã com bicho.

O texto começava em grande, logo com o tema da censura: «Na semana passada Portugal não produziu grandes notícias; não as tinha produzido durante 20 anos; talvez não as produza por mais 20 anos se

UIDADUS MEDICUS
INDOMÁVEL DO PRESIDENTE
ONSERVAR A VIDA
S ÚLTIMOS DIAS
DUSTON MERRITT

O FALECIMENTO DO PROF. DR. OLIVEIRA SALAZAR
A IMPRENSA DE TODO O MUNDO
FALA DE SALAZAR

A MORTE DE SALAZAR
UM TELEGRAMA de condolências de Nixon ao Chefe do Estado

PESAMES DE MINISTROS DOS ESTADOS UNIDOS

o Deus que ele se esforçou tanto por servir continuar a poupar António Oliveira Salazar. Porque Salazar descredibilizou as notícias. Suprimiu-as e distorceu-as para o bem dos portugueses que, segundo acreditava, não estavam preparados para os factos. Depois de 20 anos de Salazar, o decano dos ditadores da Europa, Portugal era uma terra melancólica de pessoas empobrecidas, confusas e assustadas.»

Sim, por cá a circulação da revista foi proibida e todos os exemplares ficaram condenados a ser confiscados.

Tinham passado quase mais 20 anos sobre a maçã com bicho na capa da *Time*, quando chegou a Lisboa o mais novo correspondente da AP a ser enviado até à data para outro país. Dennis Redmont tinha 23 anos em 1965. E não perdeu tempo, arranjando logo problemas com a PIDE

quando os enfermeiros o levaram numa cadeira de Verão, na sua residência no Estoril. A cadeira, a certa altura, desconjuntou-se e o sr. prof. dr. Oliveira Salazar caiu desamparado, batendo com a cabeça no chão.

«O enfermo tem estado sempre consciente e lucido. O período pós-operatório decorre em condições normais. Espera-se uma recuperação total, mas ainda pouco adiantada sobre o período de tempo necessário para tal.»

A REPERCUSSÃO NA IMPRENSA ESTRANGEIRA

Todos os jornais matutinos de Madrid dedicam hoje grande espaço às notícias sobre a operação a que foi submetido o sr. Presidente do Conselho, publicando-as nas primeiras páginas, com relevo.

O «ABC» insere uma crónica pormenorizada do seu correspondente em companhia sua turno, e «El Financiero» o serviço telegráfico de uma biografia. O «SP» insere, com uma reportagem dos antecedentes e dos pormenores da operação. O «Arriba» destaca igualmente a operação, além de reproduzir, com realce, a

informação médica sobre o estado do prof. dr. Oliveira Salazar.

Em Inglaterra, todos os jornais de domingo publicaram as primeiras páginas as notícias relativas à operação do sr. prof. dr. Oliveira Salazar. O «Observer», ao algar da primeira página, abre o noticiário com uma fotografia do Chefe do Governo português e o título «Salazar bem, depois da operação»; quanto ao «Sunday Telegraph», insere uma crónica do seu correspondente em Lisboa, assim como o «Sunday Express», telegráficos das notícias publicadas pelo «Sunday Times» na primeira página.

Na imprensa italiana, «Il Tempo» insere hoje uma crónica do seu correspondente em Lisboa e reproduz os dados dos jornais inseriram com relevo a notícia em telegráficos da imprensa noticiosa.

GOVERNADOR DE CABO VERDE

Regressou esta manhã a Cabo Verde, por via aérea, o comandante Sacramento Monteiro, governador do arquipélago.

O Chefe e num inteirarai

O Chefe do Estado tem sido o primeiro a inteirar-se do estado do sr. prof. dr. Oliveira Salazar, deslocando-se amudadas vezes, ou telefonado para a Casa de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa. Na noite da operação, o sr. Almirante Américo Tomás manteve-se sempre naquele estabelecimento hospitalar, retirando-se apenas quando foi dada por terminada a intervenção cirúrgica.

E hoje esteve ali, por incumbência do sr. Presidente da República, o chefe da Casa Militar, general Humberto Pais.

Entretanto, os membros do Governo continuam também a interessar-se pelo estado do sr. Presidente do Conselho e alguns deles a ter reuniões nos seus gabinetes para assegurar o

A IMPRENSA MUNDIAL E A DOENÇA DE SALAZAR

O FALECIMENTO DO PROF. DR. OLIVEIRA SALAZAR

A IMPRENSA DE TODO O MUNDO FALA DE SALAZAR

AFIRMOU O CHEFE

PORTUGAL

O QUE VAI PELO MUNDO

FRANÇA: Protesto de agricultores
PAÍS: 19 Agitação dos estudantes de medicina em São Paulo
GENEVA: O Conselho de Segurança da ONU discute a situação da Síria
REPÚBLICA DO CONGO: Oficial condenado a prisão perpétua
ROMÂNIA: 25 - Foi condenado a prisão perpétua o segundo comandante do Batalhão de Infantaria de Buzău, acusado de crimes de guerra durante a ocupação alemã da Romênia em 1941-42
INGLATERRA: Salto político para dois chefes
LONDRES: 25 - Duas eleições, nacionais e locais

por escrever textos incómodos. Depois de ter sido autor de artigos sobre o número de soldados portugueses mortos na Guerra Colonial e de ter acompanhado Mário Soares ao local onde fora encontrado o cadáver de Humberto Delgado, Dennis escreveu um artigo em que se falava de torturas a presos políticos. Com nomes e pormenores que incluíam uma detida a engolir as lentes partidas dos óculos, numa aparente tentativa de suicídio. A notícia da agência foi publicada pelo menos no *Le Monde* e no *International Herald Tribune*.

Dennis Redmont explica agora – a partir de Roma – como funcionava a disseminação da informação num país sob censura, num pingue-pongue em que os correspondentes estrangeiros acabavam por relatar aos próprios portugueses o que se passava cá: «Os jornalistas estrangeiros escreviam sobre o que acontecia em Portugal. Em Portugal, ninguém sabia o que se passava em Portugal, porque havia censura. Os círculos da oposição, os intelectuais como Natália Correia, todos liam os jornais franceses, ingleses ou americanos para saber o que acontecia. A PIDE dizia que eu estava a fomentar os distúrbios estudantis, porque os estudantes viam os jornais estrangeiros e diziam: 'Olha, aconteceu isto. Vamos fazer uma manifestação.'»

Dias depois da publicação desse *take* sobre as torturas e as detenções, Dennis chegou do almoço e preparava-se para entrar no prédio da Praça da Alegria quando encontrou à porta dois jornalistas que o convidaram para almoçar uma segunda vez. Eram Aldo Trippini, da United Press, e Marvine Howe, do NYT. Dennis ainda disse que tinha muito que fazer e que já almoçara, mas Aldo e Marvine insistiram e puxaram-no de forma a dar a entender que não havia mesmo escolha. Mal viraram a esquina, Dennis ficou a saber que estava a ser esperado por uns oito agentes da PIDE – todos enfiados numa carrinha preparada para o levar para interrogatório. Já tinham subido ao



Os jornalistas estavam de plantão no Hospital da Cruz Vermelha, porque Salazar podia morrer a qualquer momento

3º andar a perguntar por ele, mas como não tinham uma fotografia, não puderam reconhecê-lo quando chegou do almoço.

Naquele dia, a PIDE já não conseguiu apanhar o correspondente da AP. Dennis pediu ajuda à Embaixada dos EUA e acabou por passar a noite na residência do embaixador, George W. Anderson. Na manhã seguinte, depois de negociações entre a embaixada americana e o MNE, ficou acordado que o jornalista se apresentaria na sede da PIDE, acompanhado por um funcionário consular. O interrogatório durou horas, com os inspetores da polícia política a sucederem-se e chegando mesmo a participar o major Silva Pais, diretor da corporação.

O que queriam era conhecer os nomes de quem informara o jornalista. Dennis ofereceu-se para fazer a AP publicar um desmentido, caso as notícias fossem falsas. Mas os agentes da PIDE não punham

em causa as torturas nem as detenções, queriam era que lhes fossem reveladas as fontes. Sem sucesso. Dennis acabou por ser libertado e ainda ficou em Portugal mais um ano, como correspondente da AP, apesar de haver pressões governamentais para que fosse logo transferido. Para impedir uma transferência imediata para outro país, Redmont escreveu à direção da agência a defender que isso abriria um precedente perigoso.

Contactos no Parque Mayer

Marvine Howe tinha sido uma das pessoas a insistir com Dennis Redmont para ir almoçar uma segunda vez, naquela tarde de 1966. Quando Salazar foi hospitalizado dois anos depois, a jornalista americana tinha 38 anos, continuava a viver em Portugal e trabalhava como *stringer* para o NYT e para a empresa Time-Life. O correspondente do NYT em Lisboa era Richard Eder, que estava baseado em Madrid. Só em 1972 é que as grandes empresas americanas de comunicação social começaram a ter mulheres como correspondentes no estrangeiro, conta agora Marvine a partir da Argélia. «Tanto o NYT como a Time Life estavam interessados em Portugal e concordaram em dividir despesas para eu ter um escritório com a United Press no edifício da Praça da Alegria. De vez em quando, o chefe da Time-Life visitava Lisboa e acabava no rés-do-chão do prédio, no Maxime. Eu preferia o Parque Mayer e as revistas – um bom sítio para fazer contactos políticos.»

Quando Salazar foi operado, Marvine estava algures em África. Mas escreveu sobre o assunto nas semanas seguintes. E mais tarde ainda conseguiu estar com o ditador. «Lembro-me de visitar Salazar depois da queda, com a nossa fotógrafa Ingeborg Lippman. Deixaram-nos entrar sob condição de não ser feita qualquer menção ao facto de ele já não ser o Presidente do Conselho. Mas conseguimos o que queríamos: fotos dele na cadeira de rodas.» ■

O padre do quarto 68

Todos os dias, há um missionário holandês entre as visitas ao ditador hospitalizado. O enviado especial do jornal *De Telegraaf* acha que está ali uma grande história. E está mesmo

por João Pacheco

Lisboa transborda de jornalistas estrangeiros. Salazar piorou e todos querem relatar o que parecem ser os últimos dias de vida do ditador europeu há mais anos no poder.

Quando o chefe de redação do *Diário de Lisboa* recebeu o enviado especial do jornal holandês *De Telegraaf*, indicou-lhe a secretária onde um jornalista escrevia à máquina muito depressa usando um só dedo da mão direita. «Fala com aquele, que domina vários idiomas.»

Aquele era o jornalista Fernando Assis Pacheco, de 31 anos. Era marido de uma das irmãs do diretor do jornal, já tinha três filhas e viria a ser o meu pai uns bons anos depois – há tipos sortudos. Mas acabemos com isto da primeira pessoa, para voltarmos à redação do *Diário de Lisboa* naquele dia de 1968.

O jornalista Kees van Bemmelen tinha 37 anos e era correspondente em Madrid. Acabado de aterrar em Lisboa, resolvera pedir ajuda numa redação. Ainda hoje se lembra bem do momento em que, há 50 anos, conheceu o poliglota de serviço. Conta o próprio: «Os olhos do Assis tomavam uma expressão entre a pressa agitada e a alegria. ‘Estou só a acabar’, disse-me em inglês.» Ficaram amigos para a vida.

Passados uns dias, no bar do Hotel Tivoli, Kees perguntou a Assis se conhecia um nome que tinha visto entre os das visitas habituais ao ditador doente. Será que lhe soava familiar o nome «Gregó-

rio Verdonk»? Poderia ser um holandês? É que um tal padre Gregório Verdonk era referido nos jornais portugueses como visita diária de Salazar no hospital. Quase sempre com o apelido mal escrito, diga-se.

«‘Ah, o padre Gregório’, exclamou Fernando. ‘Ele é o nosso Rasputine nacional, um padre milagreiro. Quando os rapazes do Benfica ficam lesionados com gravi-



Gregório Verdonk Milagreiro holandês contratado pelo Governo português

dade, são levados ao convento dele. Ele coloca-lhes um breviário sobre a lesão e ficam logo prontos para marcar mais alguns golos.

Santinhos debaixo do colchão

A versão de Kees van Bemmelen é contada agora a partir de Madrid, onde continua a morar. «No dia seguinte, o Assis passou-me os factos espantosos: Gregório Verdonk era um padre holandês da

Congregação dos Sagrados Corações. O próprio Governo português convocara-o para ficar dia e noite no quarto do moribundo. Porquê? Porque tinha a convicção de que enquanto ele estivesse à sua cabeceira, Salazar não morreria.»

Em Portugal, parecia parte da mobília que um padre com fama de milagreiro permanecesse junto do ditador hospitalizado. Durante a fase mais mediática da doença, os jornais iam referindo a sua presença diária no Hospital da Cruz Vermelha – mesmo que apenas o referissem de passagem, sem contextualização e sem acertarem bem com o apelido. A censura não permitiria que se contasse a história de forma mais completa.

Por exemplo, no *Diário de Notícias* de 21 de novembro de 1968, conta-se que Verdonk é «visita do dia – de todos os

dias». E que «com o sacerdote de modos discretos e olhar claro principiam os dias para o quarto 68». Na capela, os jornalistas iam vendo o padre holandês a rezar, por vezes sozinho.

Muitos anos depois, a história mais detalhada acabou por chegar aos jornais portugueses. A versão de Fernando Assis Pacheco foi publicada no *Jornal de Letras* de 27 de abril de 1994: «(Kees) conheceu assim os últimos apoiantes do regime em vias de passar à História e pôde inclusive localizar um

compatriota com fama de curandeiro em *full time*. O padre Verdonk, muito da priverança de D. Maria, que visitava São Bento e cuidava do achacado dr. Salazar, aplanando-lhe o caminho para o Céu entre legiões de anjos vestidos de enfermeiros. Este padre Verdonk, ou padre Gregório, era o grande fornecedor dos santinhos que vieram a ser descobertos sob o colchão do paciente na madrugada da sua morte, relato que Kees van Bemmelen também fez para *De Telegraaf* em prosa garantidamente pícara.» ■